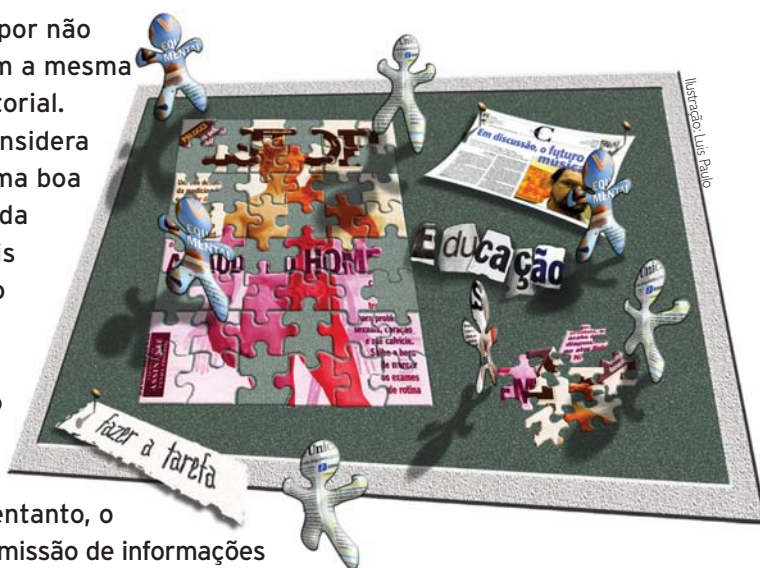


acompanhar por não contarem com a mesma agilidade editorial. Zanchetta considera que essa é uma boa contribuição da imprensa, pois pode tornar o assunto mais atrativo e atualizado do que no livro didático.

Persiste, no entanto, o risco de transmissão de informações incompletas, incorretas e até deturpadas, fruto de linha ou determinação editorial que, muitas vezes, pecam pelo sensacionalismo, pela ligeireza das matérias e pela apuração pouco cuidadosa e viciada pelas mesmas fontes acessíveis de informação. "Até que ponto os jornais podem fazer essa divulgação sistematicamente? Como seriam, ainda, os processos de avaliação da pertinência desse material, sobretudo na escola?", questiona o pesquisador. Para Mariana Pezzo, pesquisadora em educação e diretora de comunicação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), os profissionais de jornalismo precisam entender sua atuação como potencialmente educativa e avaliar, sob essa perspectiva, a



qualidade de seu trabalho. Mariana aponta a necessidade de uma atuação jornalística mais abrangente e profunda para a divulgação científica. Um trabalho que vá além do momento final da produção do conhecimento científico, contextualizando essa produção na história da ciência. O argumento de que existem limites na produção jornalística - tempo e espaço disponível, condições impróprias para o aprofundamento, entre outras - é refutado pela pesquisadora. "Acredito que, em longo prazo, textos jornalísticos mais abrangentes serão fatores determinantes para a atração ou não do leitor por uma publicação", conclui.

Érica Speglich e Daniel Chiozzini

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Curso sobre energia para jornalistas

Um novo curso de jornalismo científico foi criado pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Unicamp, em parceria com a Companhia Paulista de Força e Luz (CPFL), além dos Departamento de Política Científica e Tecnológica, Multimeios e Mecânica da mesma universidade. Trata-se de um curso de extensão, com foco no setor energético. Entre os alunos, 28 profissionais de jornais, rádios e TVs da região de cobertura da CPFL. Desde o apagão em 2001, o tema energia recebe mais atenção da mídia. O fato forçou a população a tomar consciência da importância da energia em suas vidas e houve um aumento da procura por informações sobre produção, distribuição, custos, bem como de fontes alternativas de energia.

O curso pretende aumentar a qualificação dos jornalistas na área e terá duração de quatro meses, com disciplinas de jornalismo, análise do discurso, política científica e tecnológica, história da ciência, fontes de informação, além das focadas no setor energético. Foi baseado no modelo do curso de especialização em jornalismo científico, oferecido desde 1999, com seleção a cada dois anos. Outra derivação da especialização deverá ser o mestrado em jornalismo científico, que, em breve, será oferecido pelo Labjor.